



© NOVO FANGUEIRO ©

Director: ARMANDO SARAIVA

Editorial

“ESPERANÇA”

O Clube de Futebol de Fão renasceu, está vivo e recomenda-se. A mão que escreveu a amargura, a frustração e a revolta perante a passividade de quase todos, é a mesma que exara a satisfação, a alegria, a felicidade por esta instituição, que é de todos os Fangueiros, continuar a honrar o nome de quem com tanto amor e carinho a fundou, para engrandecimento da nossa terra. As associações e instituições que existem é que nos distinguem dos outros. A qualidade de um povo define-se pela capacidade de resposta que tem para enfrentar e resolver os problemas que se lhe deparam. Aprendi, ouvi, vi como Fão teve sempre um povo lutador, intransigente, unido quando se tratava de defender a sua terra. Dou o meu humilde contributo para que continue assim, tendo a noção exacta até onde posso ir, e ciente de que muitos e muitos fangueiros há com outras capacidades. A minha opinião, expressa na última edição de “O Novo Fangueiro”, escrita com sinceridade e frontalidade, não foi com intenção de ferir nem injustiçar ninguém enquanto cidadão. Não visei pessoas, visei estratégias; não falei de cidadãos, falei de poderes; não critiquei, responsabilizei; não fui ingrato, já que, se a minha consciência e personalidade me permitem esquecer quem me fez mal, jamais me permitirá esquecer quem me fez bem.

Tanto assim é, que da mesma forma que escrevi sobre o comportamento que considere bastante negativo, da Assembleia e Junta de Freguesia, e até do Clero, não tenho qualquer relutância (bem pelo contrário) em destacar a atitude altamente positiva que o actual Tesoureiro da Junta tem tido perante o mesmo Fão, enquanto cidadão e fangueiro. Com efeito, foi sempre um grande amigo do Fão, quer contribuindo monetariamente, quer procurando saber dos seus problemas, quer ajudando a abrir portas de outras instituições que tão preciosas têm sido com a sua ajuda. Quantas pessoas cederiam gratuitamente um prédio inteiro no centro de Fão para que o nosso clube tenha uma sede social condigna? Ele fê-lo.

Uma palavra de apreço para a Junta de Freguesia que, consciencializados de que o Futebol também faz parte de Fão, têm cooperado muito positivamente.

Umhas linhas para expressar o agradecimento que todos devemos ter para com o Presidente da Assembleia geral cessante. Um grande Fangueiro, por vezes mal compreendido, que durante 12 anos liderou, e foi a reserva moral do nosso Clube. Abstenho-me de escrever as dificuldades por que passou, as injustiças morais de que por vezes foi vítima, pois conhecendo o seu perfil tenho a certeza que só se lembra das coisas boas.

Aos Corpos Sociais do C. F. Fão e aos fangueiros agradeço do coração o permitirem que a grande crise pertença já ao passado.

VIVA O FÃO!
VIVA FÃO!

José Luís da Silva Ribeiro

Dia do Idoso comemorado no Lar do Hospital de Fão

No sábado, dia 4 de Setembro, pelas 15 horas, compareceram no nosso Lar os idosos de Apúlia, bem como algumas professoras e alunos das escolas locais, a fim de comemorarem conjuntamente com os hóspedes do Lar de Fão, o Dia Mundial do Idoso.

À entrada do edifício fangueiro, bem decorada, podia ler-se um grande e bonito cartaz que dizia.

*Não são velhos!
É a Primavera a findar
Outrora foram botões
Hoje são rosas a desfolhar.*

Na hora aprazada encaminharam-se todos para a capela do Lar onde foi celebrada a missa pelo reverendo Coutinho. Finda a Eucaristia, todos se dirigiram para a sala de convívio onde se deu início à confraternização que teve como ponto alto um agradável lanche com

(Continua na pág. 8)

FÃO D'ONTEM, FÃO SEMPRE

Por iniciativa da Cooperativa cultural de Fão foi levada à cena no Salão Paroquial a revista *Fão D'Ontem, Fão de Sempre*.

Foram duas sessões, nos dias 19 e 20 de Setembro, que praticamente tiveram *casa cheia*.

Sem dúvida que se cumpriu tradição a dois patamares. Por um lado, o público de Fão compareceu em peso; por outro, o espectáculo teve nível a dizer-nos que a gente de Fão, os actores, melhor dito, entrançaram neste tipo de teatro, que o mesmo é dizer que as vocações pegam de estaca.

Actuaram dois tipos de pessoas: os veteranos que se revelaram com um à-vontade invejável, com tarimba e com uma certa *aisence*; e os estreantes, os chamados caloiros que se esforçaram por seguir fielmente as trilhas dos maiores. É o tal *pegar de estaca*.

Por dever do cargo e arrastado pelo Grupo da Pã-Pã, fomos assistir a alguns ensaios. Confessamos que surjiram em nós certos receios de que a “coisa” não saísse bem. Por falta de sincronização, por deficiente estrutura, talvez pela aparente desadaptação de alguns, e até por inconformismo de outros aos esquemas impostos, podiam surgir quaisquer grãos de areia na engrenagem. Felizmente no *dia da verdade* tudo isso foi superado. O velho do Restelo (Solinho) e um entrante (Carreira júnior) integraram-se bem no esquema, impuseram o ritmo, e tudo avançou sem falhas, com garbo, com nível, *à fangueiro* para dizer tudo. Seria um erro grosseiro da nossa parte destacar quem quer que fosse pois todos

(Continua na pág. 4)

ESPOSENDE

Por: ARTUR L. COSTA

IMPRESA REGIONAL NA TROFA

Prémio "Ricardo Marques" de Jornalismo

A Imprensa Regional reunida em convívio na cidade da Trofa, no passado dia 13 de Setembro, além de homenagear Costa Ferreira apadrinhou o lançamento do livro "Terras de Bougado". Permitiu a criação do prémio de jornalismo em memória de Ricardo Marques, o jovem médico guimaranense voluntário assassinado na Somália.

Através do IPIR (Instituto Português de Imprensa Regional), sediado em Barcelos; GI, Gabinete de Imprensa de Guimarães; APIR (Associação Portuguesa de Imprensa Regional), sediada no Porto, reuniram-se dirigentes e associados numa união de esforços para se manterem activos e actuantes, com o objectivo de resolverem muitos dos problemas futuros.

O Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários na Trofa foi o cenário ideal para um convívio como nunca se realizou. Por isso, as autoridades locais e as entidades mais representativas receberam de braços abertos os representantes e associados da Imprensa Regional. O Dr. Eduardo Costa, de "O Primeiro de Janeiro" como orador sobre o tema dedicado ao futuro da Imprensa, abordou os seus problemas futuros e apoios governamentais, enquanto o dr. Vale Ferreira, do IPIR, ao realçar a missão da imprensa, seus dirigentes e associados, alertou para a unidade das Associações presentes. De igual modo o Dr. Vasco de Carvalho, da APIR e o presidente do GI abordaram os problemas candentes que passam pela Imprensa Regional.

No decorrer do almoço foram trocadas algumas mensagens de solidariedade, dando de destacar o desejo das autoridades, em Terras de Bougado, para uma futura reunião entre as Associações representativas da Imprensa Regional. A propósito ficou decidida a criação do prémio de jornalismo dedicado ao médico assassinado na Somália, filho da conhecida poetisa, escritora e jornalista Dr.ª Maria da Conceição Campos.

Os jornalistas presentes deslocaram-se à empresa Magnific Internacional que demonstrou a qualidade do seu aparelho; Magnific-Dream", o melhor apoio jamais fabricado para um sono reparador e saudável, depois de convívio tão animador como este, da Trofa.

"O Novo Fangueiro" esteve representado neste convívio, que reuniu três associações de classe, pelo seu redactor Artur Lopes da Costa.

INCÊNDIO NA ESCOLA RODRIGUES SAMPAIO

Na sexta-feira dia 26 de Setembro, ao fim do dia, é dado o alarme de incêndio grave. E toda a população acorreu para o local, onde já ardia o cume do edifício da Escola Rodrigues Sampaio.

A Corporação dos Bombeiros Voluntários de Esposende, prontamente, iniciou o ataque ao incêndio que desbastava

o primeiro andar do edifício, já abandonado. Todavia, o sinistro alastrava assustadoramente sendo pedidos socorros à Corporação de Fão. A velha Escola agonizava com o deflagrar de sinistro tão inesperado.

Edifício de construção do princípio do século, fácil seria o alastrar das chamas. Apesar dos esforços dos Bombeiros, o primeiro andar, nomeadamente a parte que foi residência do prof. Carlos de Oliveira Martins, ao longo de muitos anos, ficou inutilizada.

É de admitir como causa do incêndio algum curto circuito, apesar das instalações já não terem utilização.

RECOLHA DE SANGUE NO CONCELHO

A Associação de Dadores de Sangue de Esposende continua a nobre missão de recolha de dádiva benévola de sangue e segundo o plano estabelecido para 1997.

As próximas recolhas estão previstas e marcadas para as seguintes freguesias: Belinho, o dia 26 de Outubro. Esta freguesia, de 1933 habitantes, segundo o censo de 1991, teve duas visitas em 1996. Os resultados foram bons: 156 dadores benévolos.

Apúlia, das mais populosas do Concelho, com 4.053 habitantes, em 1996 ofereceu 105 dadores. Neste ano a recolha realiza-se a 9 de Novembro, de que se espera melhor resultado.

O Instituto Português de Sangue e as Paróquias têm concedido apoio para estas acções sem as quais, a missão seria dificultada.

III FESTA DOS PESCADORES NA MARINA INTEGRADA NO DIA INTERNACIONAL DE TURISMO

Os núcleos de pescadores do Concelho de Esposende reuniram-se em 27 de

Setembro junto à à Marina de Pesca, para festejarem, pela 3.ª vez o seu dia, este ano integrado no Dia Internacional de Turismo.

Começou cedo a concentração das representações que se faziam acompanhar das imagens da devoção e padroeira da classe: de Alapela (Fonteboia), Senhora das Graças; de Barca do Lago, a Senhora do Lago (Gemese); Senhora da Guia, de Apúlia; Senhora da Bonança, de Fão; S. Pedro, de Esposende e S. Bartolomeu do Mar, da freguesia do mesmo nome.

Depois do desembarque, os andores postaram-se em local próprio, depois de alocação apropriada por Mons. Baptista de Sousa para a celebração da Eucaristia. Algumas embarcações engalanadas estiveram em "Guarda de honra" durante a missa campal.

Na homilia, Mons. Baptista de Sousa, referiu a vida do pescador, dos perigos no mar e, também, a devoção e o seu apego à protecção divina. Falou ainda do esforço na labuta no mar para grangear o sustento da família.

Depois de ler a mensagem de bênção do mar e das embarcações, pediu um agradecimento a quem tanto fez por Esposende e de boas condições para os pescadores: Alberto Figueiredo, o presidente da Câmara Municipal de Esposende, presente nas cerimónias. Era acompanhado pelo Director-Geral de Portos, Director dos Portos do Norte, presidente da Junta dos Portos do Norte; Delegado Marítimo em representação do Capitão do Porto de Viana do Castelo; Director do Gabinete da Área de Paisagem Protegida; Dr. Francisco Sampaio, da Região de Turismo do alto Minho, entre muitas outras entidades locais e Concelhias.

A festa vinia a continuar no período da tarde e terminou à noite: houve exibição de grupos folclóricos do Concelho e actuação de música ligeira, com sessão de fogo de artifício.

O Museu Municipal e o Forum



Catraia de Esposende quando fazia experiências de navegação

Esposendense foram os organizadores da festa, com o apoio da classe piscatória e a Câmara Municipal.

Participou, ainda, o Grupo Coral de Esposende e a Banda de Música dos Bombeiros Voluntários (Antas), e os Escuteiros de Esposende.

De salientar os tipos de embarcações presentes: de associações de protecção ao Rio Minho, da Galiza; lancha poveira, embarcações de rio e de mar, oriundas da zona de Esposende e, bem assim, a catraia dirigida pelo mestre Zé Nibra.

Recordámos que a primeira festa data de 3 de outubro de 1993, realizada junto à ponte de Fão, com defeitos apontados e ainda vivos na memória dos esquecidos.

O CONHECIMENTO DA PARAPSIKOLOGIA

Decorre até 5 de Outubro um curso de divulgação da parapsicologia, com o objectivo de se esclarecerem alguns temas sobre esta ciência.

"O misterioso à luz da ciência" é o tema de fundo e, o seu relacionamento com os feitiços, os bruxedos e o que estará para além do Além; o supersticioso nas tradições e na vivência das gentes. Também, o relacionamento desta ciência com a fé e a religião católica.

O curso está a despertar bastante interesse entre os jovens do concelho e, bem assim, o conhecimento que nos levem a suposta existência de traumas sobre estas práticas.

A Associação dos Jovens Católicos de Esposende é a organizadora e a responsável pelo acontecimento.

HÁ 70 ANOS

Cinematógrafo no Theatro Club de Esposende

O senhor Guilherme Mendes Oliveira, sólcito e dedicado empresário do Theatro Club de Esposende, recentemente, comprou um aparelho cinematográfico com bom reportório.

Nos dias 17 e 18 de Dezembro de 1927 exibiu: Os Milagres de Lourdes e Revista Mundial, possuindo outras fitas cómicas.

No dia de Natal deram um programa bem escolhido, com matinée e soiré, fita cómica: Não deixes a Amélia, além de actos de ilusionismo por A. Horta.

Esta atitude constitui um melhoramento cultural e recreativo para a terra.

De facto, há 70 anos, imagine-se o alvoroço que a novidade proporcionou aos esposendenses. Contudo, de notar, o valor cultural da iniciativa pois, Guilherme Mendes de Oliveira, da família do dr. José Consin, viveu no palacete da avenida para Góios e viria a particiar na edição da revista de 1929 "Esposende - Praia de Suave-Mar", conjuntamente com João Amândio, Domingos Lopes da Costa e Celestino Azevedo Pires.

"O Esposendense" deu esta notícia, com algum destaque, na sua edição de 31 de Dezembro de 1927.

HÁ 100 ANOS

As obscenidades do costum

Na 2.ª-feira, depois de se trocarem um sem número de palavras e as obscenidades do costume, houve grossa pancadaria no cais desta vila entre várias regateiras do peixe, a ponto de haver alguns ferimentos a arremessaram o peixe à doca e ao rio.

Não apareceu nem um único oficial de diligências, cabo d'ordens, ou zelador que mantivesse a ordem e fizesse calar aquelas depravadas viperinas línguas. Perguntar aos zeladores e oficiais, se no fim do mês não vão a casa do Tesoureiro da Câmara...

Não nos admirámos, porém que não haja pólicia; porque, terra sem autoridades... Vai apitando mais um pouco, ó Costa?! Qu'isto de autoridades...

Cabe à imprensa, já há um século, o dever de ensinar. Foi o caso, quando o responsável pela publicação de "O Povo Esposendense" na sua edição de 25 de Setembro de 1892, alertou para o insólito. Será que nos tempos, modernos a postura das gentes é diferente?

ESPOSENDE NO BIG SHOW SIC

No próximo dia 18 de Outubro, a equipa de Esposende que venceu mais uma eliminatória do concurso "Cidade contra Cidade", integrado no BIG SHOW SIC, vai aparecer no respectivo programa.

Esposende, depois de se defrontar com Faro, Guarda e Marco de Canaveses, saiu vencedor. Os esposendenses poderão ver o comportamento da equipa no programa a ser transmitido naquela data.

A Câmara de Esposende e a empresa IMPETUS estão a dar apoio à equipa; a organização é da Rádio de Esposende.

QUE FIZESTE TU, Ó TEMPO

Que fizeste tu, ó tempo,
Ladrão da mocidade!...
Devolve-me aquele momento,
Em que achei a felicidade.
Que fizeste tu, ó tempo,
Daquele homem aviado
Tão charmoso e ousado
E dos seus fartos cabelos
Ondulados e tão belos?
Dos poucos que lhe deixaste
Ainda de neve os pintaste.
Que fizeste tu, ó tempo,
Da elegância do seu porte?
Hoje sem rumo e sem norte,
Alquebrado entristecido,
Já não passa dum vencido.
Do que era pouco ficou.
O tempo tudo levou.
Que fizeste tu, ó tempo,
Daquela jovem de outrora
Fresca e bela como a aurora
De formas esculturais?
Que fizeste tu, ó tempo,

Daquelas faces mimosas
Mais frescas que frescas rosas
E do amor que não volta mais?
Que fizeste tu, ó tempo,
De tantos sonhos sonhados
Em segredo sussurrados
E que tu bem conhecias
Das quimeras do passado
Que levaste de todo o lado
E das nossas alegrias?
Que fizeste tu, ó tempo?
Maldito e inclemente
Divertiste-te a destruir gente...
Brincas com as nossas vidas.
Que fizeste tu, ó tempo,
Daquela vida querida
Que levaste de vencida
Sem nada que a conforte?
Ah!... maldito tempo!...
Porque és cruel e atroz?
Pois no teu rosto veloz
Só deixas solidão e morte.

MARIA ROSÁLIA

NOVA FORMATURA



Na Faculdade de Letras da Universidade de Aveiro terminou o curso (Português e Francês) a nossa conterrânea Natália Maria Espinheira Serra, filha do nosso prezado amigo José Serra e de Alice Espinheira Serra.

À nova dr.ª desejamos as maiores felicidades na arte de bem ensinar e aos pais damos os nossos parabéns por terem dado à terra uma nova licenciada.

A.V.

FÃO D'ONTEM, FÃO SEMPRE

(Continuado da pág. 1)

se corresponsabilizaram, todos se esforçaram e todos se ultrapassaram.

E agora? A "companhia" está formada. Fão, culturalmente, está bem expressado. Será bom que não se criem no conjunto quaisquer anti-corpos. No fundo todos gostam de teatro. No fundo todos gostam de Fão. No fundo todos são baírristas e é apelando para esse baírrismo que formulamos sinceros votos para que todos, actores, artistas, colaboradores e dirigentes, empunhem a bandeira da terra e ao seu serviço, sob a sua égide, realizem a arte que nos engrandece.

A.S.

Melhor audição significa uma vida melhor!

TESTES AUDITIVOS GRATUITOS

A Auricular, um líder comprovado na saúde auditiva, tem o prazer de oferecer os seus serviços profissionais neste estabelecimento.
MAIS: Preços baixos no serviço de reparação a todas marcas de aparelhos auditivos.

Rua D. Afonso Henriques 112-2º
4700 BRAGA. Telef 053 277416

AURICULAR SHIG

FÃO

Farmácia Higiênica
Rua Conde Castro 41
Todas 5ª feiras das
17h00

PILHAS GRATUITAS

Traga este cupão consigo e receba uma embalagem de pilhas gratuitas - Limitado a uma por cliente



Notícias Várias

UM NOVO CAFÉ

No Bom Jesus, abriu um novo estabelecimento de cafetaria que se chama *Café Chalet*.

Trata-se de um espaço amplo, arejado, com boa vista, quartos de banho impecáveis e que apresenta um bom serviço. Pertence ao jovem casal To Zé (filho do Sr. Lima) e Lúcia (oferta do avô Raul), a quem "O Novo Fangueiro" deseja bom futuro.

DR. JUVENAL SILVA

Este conhecido clínico tem andado com mala pata. Foi há tempos submetido no Porto a uma operação à coluna, que correu bem. Já em casa e em convalescença começou a sentir-se mal e foi a sua experiência médica que impôs um novo internamento no mesmo hospital onde foi submetido a nova intervenção.

Mas os seus padecimentos não ficaram por aqui. Na segunda convalescença recomeçou a sentir-se mal. Mais uma operação (a terceira).

Bom amigo: às três é de vez. Desejamos uma recuperação rápida e total.

DESFOLHADA

Todos os anos a Cooperativa Cultural de Fão vinha realizando uma desfolhada na propriedade do Zé Vasco (Zé Mena para os amigos). Apareciam uns "cooperantes" no local do Pacheco, a família Vasco apresentava o milho em bruto, a malta desfolhava e no fim toda a gente saboreava uns copos de verdasco e um delicioso bolo de milho com sardinhas (estas eram fornecidas pela Cooperativa).

Só que este ano a Junta resolveu antecipar-se. Falou à esposa do Zé para que este levasse as "coisas" para o edifício do Turismo. E a desfolhada realizou-se lá sem que a Cooperativa fosse tida ou achada para o caso.

Assim, não!...

CASAMENTOS

No dia 20 de Setembro, no Santuário do Bom Jesus de Fão uniram-se pelo matrimónio os jovens Maria Dulce Costa Alves e o eng.º José Manuel Oliveira da Silva.

A Maria Dulce, administradora da Pã Pã 2, é filha do nosso bom amigo João António Marques Alves (João da Pãpã) e de Maria de Lourdes Veloso S. C. Alves. O noivo,

natural do Chorento, é filho de Daniel Ferreira da Silva e de Maria de Fátima Campos Oliveira.

Foi de facto um casamento bonito com o Grupo Coral da Matriz a abrilhantar as cerimónias. O celebrante foi o nosso Prior, P. Vilar, que no momento oportuno teceu vários elogios à noiva e à benemerência dos pais, grandes devotos do Senhor Bom Jesus de Fão.

A.V.

Igualmente no Mosteiro do Bom Jesus, no dia 5 de Outubro, realizaram-se os esponsais da nossa conterrânea Sónia Lata Monteiro com Helder Gonçalves Mata.

A noiva é filha dos nossos conterrâneos Maria Ermelinda da Costa Lata e de Albano Severo Monteiro. O noivo, natural de Vila Seca, é filho de Maria Teresa Santos Gonçalves.

A missa nupcial foi abrilhantada com a actuação do Grupo Coral do Bom Jesus.

Aos noivos desejamos mil venturas.

A.V.



Eng.º José Manuel Oliveira da Silva e Maria Dulce Costa Alves.

Restaurante TROCADINHO

ARROZ DE TAMBORIL – *Um sabor dos Deuses*

ARROZ DE MARISCO – *O Prazer dos Anjos*

PEIXE ESPADA – *Um Prato Divino*

PARRILHADA DE MARISCO – *Um Mar de Prazeres*

COSTELETA DE NOVILHO À TROCADINHO – *De comer e pedir Bis*

SOBREMESAS CASEIRAS – *Para mais tarde recordar*

BAPTIZADOS

COMUNHÕES

Avenida de S. Januário – (053) 981218 – FÃO



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA • ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



ELEVADORES 4 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:

REIMELI

PORTO – RUA 5 DE OUTUBRO, 212 – TEL. 60 91 018 - 60 83 748 – FAX 66 73 85
LISBOA – RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 – TEL. 759 72 04 – FAX 7597206

PÁGINA JOVEM

MÚSICA

Olá jovens! Já se reiniciaram as aulas, já chegou o Outono, já se fizeram as tarefas habituais desta época, a nível agrícola. É tempo de mudança, transição entre um Verão prolongado e um Inverno que se aproxima. No próximo mês já há magustos e no outro já é Natal. O tempo voa, não é?

ROMARIA NO MINHO

Nesses tempos, anos 30-40, eram as romarias, em especial as do Minho, acontecimentos ímpares, encantadores, por vezes a única oportunidade para o nosso povo folgar, expandir a sua alegria, exibir os seus cantares, os seus trajes, tirar a barriga de misérias.

Nessa altura a poluição desenfreada que pouco a pouco foi desvirtuando e degradando tudo o que era espontâneo, singelo, popular, ainda não se fazia sentir de modo apreciável. Eram festas em que raízes pagãs e religiosas se misturavam harmoniosamente. Eram simultaneamente a festa das searas, das colheitas, das vindimas, do solstício do verão e a glorificação de todo um ano de duro labor, pois então a vida do camponês era trabalhar com a enxada de sol a sol! E era também a oportunidade de festejar e agradecer ao santo padroeiro da festa: S. Torcato, s. Miguel, S. Bartolomeu, Senhora de Antime, Senhora das Dores, etc., a protecção e o favor recebido durante o ano: uma doença dum familiar ou dum animal, por o filho ter ficado livre da tropa... havia sempre motivo para uma promessa feita e então agradecida.

O que mais encantava nessas festas era a inocência, uma eufonia quase dionisíaca que por vezes durante três dias e três noites fazia dançar, conviver romeiros com conhecidos e desconhecidos. Quantas vezes, sem qualquer malícia, fui desafiado para dançar ou partilhar dum farnel! "Vocemecê que está aí parado, venha dançar connosco, comer da nossa merenda e beber o nosso verde"! (...)

ANTÓNIO CAONCEIÇÃO
in "A Cinco Vozes"

PÓLO DESCONHECIDO

*Fantasia vivida
Logo ao acordar
Entre muros baixos
Vidros escuros
De cristal transparente.*

*Euforia antecipada
Da grotesca história
Anjos sem asas
Jovens a voar
Por entre o infinito*

*Invisível permanente
Que repela o medo
Oferece a esperança
De aquecer o mar
Num pólo desconhecido.*

FILIPA MAGALHÃES
(18 ANOS)

PAUSA PARA SORRIR

Dois malucos conversam acerca das suas doenças. Um deles diz:

– Sabes que tenho a bicha solitária? É por isso que sou tão magro!

Responde o outro:

– Queres que te ensine uma receita infalível para te veres livre dela?

O outro concordou e ele explicou assim:

– Compras bastante açúcar e um martelo. Durante três dias comes só açúcar. No 4.º dia não comes nada.

– O quê? Vou morrer de fome!

– Nada disso. A bicha solitária, que nesses três dias se viciou no açúcar, vendo que passa um dia inteiro sem receber nenhum, no 5.º dia vem cá fota procurá-lo.

Então, tu que tens sempre o martelo ao pé de ti, dás-lhe uma martelada na cabeça e máta-la!

A nova empregada tem muito jeito para decorar as travessas. No primeiro dia, todos ficam admirados com uma obra de arte.

O pai, admirado, exclama:

– Que belo aspecto!

O filho mais pequeno olha, pensa, e depois pede:

– Eu queria um bocadinho desse aspecto...

*Hoje parece que
Tudo à minha volta flutua
A harmonia paira no ar
E surge como pinceladas
Descuidadas de um artista,
Que podem voar livremente.*

*Não interessa de onde vem,
Se é triste ou alegre,
Porque hoje tudo é leve
E ascende
A um momento
De suprema inspiração.*

*Do Universo,
Daqueles criados
Não se sabe porquê,
Mas que tinham
Que o ser
E que existem.*

*Só porque são belos
Hoje é um tempo
Em que uma brisa
Leve corre
E arrasta consigo
Imagens que*

*Deleitam os olhos
Da alma
Tudo parece perfeito,
Mesmo a queda
Desordenada das
Gotas de chuva*

*Que desaparecem
Na terra
Tão misteriosamente
Como apareceram
E quem diria
Que toda esta*

*Razão de viver
Floresce das mãos
De seres humanos?
O turbilhão de notas
Envolve-nos e aperta-nos,
Fazendo-nos rodopiar*

*Até um mundo idílico,
Ou talvez parte
Do nosso real quotidiano,
Que se esconde
Como sois incandescentes
Por trás da noite escura e fria.*

MARTA MENDES
(18 anos)



Desejo de JOANA SÍLVIA (8 anos)

Esta página tem o patrocínio de:

FOR BODY
SPORTSWEAR

O BOM JESUS DE FÃO

Por CARLOS MARIZ

MEDIDAS E PENSÕES

Referimos no n.º 143, de 10-4-1996, deste jornal, que a requerimento do Reitor de Fão, Padre Bento Gonçalves, desencadeou-se um longo processo sobre as medidas e pensões do senhor Bom Jesus de Fão.

Estas pensões constam de um Inventário de 1771 como "CENSOS PERPÉTUOS". A Irmandade, depois deste processo, comprou várias "MEDIDAS", que constam de referido Inventário como "CENSOS REDIMÍVEIS".

Trataremos para já dos Censos perpétuos:

Legado de Gaspar Rodrigues e mulher –

Os caseiros referiram em Março de 1710 que pagavam anualmente *sete alqueires e meio e dois frangos* ao Bom Jesus de Fão "por umas propriedades que deixaram Gaspar Rodrigues e sua mulher Catarina de Faria". Em requerimento posterior dizem que não tinham título algum de posse das terras "e somente são caseiros da Confraria e Capela do Bom Jesus e lhe pagam **treze medidas e dois frangos**"(6). Já pagavam desde 1676.

A 19 de Abril de 1710, perante o Escrivão dos resíduos, os caseiros Manoel Joam Nagar, André Fernandes e Joam Manoel, da freguesia da Póvoa de Varzim disseram que "reconhecia o satisfazer a pensão de que se trata e delas lograrem(1) as terras e não impedirem que estas se mudam(2) e confrontem com a segurança do legado de que se trata...".

O Promotor, na audiência pública de 4-8-1710 requereu se executasse a carta de vedoria para se fazer a medição, apegação, confrontação e registo da segurança destas medidas, o que logo foi determinado pelo Vigário Geralda Diocese, dr. Domingos Pinheiro Manoel.

Os oficiais do Bom Jesus trataram de providenciar a medição mas, Manoel Fernandes Quaresma, caseiro da Confraria, que fora intimado pelos oficiais do Bom Jesus para em Juízo exhibir os papéis de posse das terras, fez petição ao Juízo de Resíduos, alegando não estar obrigado a exhibir papéis alguns a pedido deles.

O Juiz dos Resíduos = Melo = mandou tomar termo, no qual foi registada a negação e protesto.

Entretanto os caseiros nomearam procurador e depois provaram ter pago as pensões e pediram o encerramento de processo, quanto a eles, prontificando-se a pagar as custas. E, a 1-3-1717 o Juiz de Resíduos mandou passar a absolvição aos caseiros, publicada a 3-3-1718. Estes pagaram de custas oitenta reis.

O Promotor requereu carta de procedimento contra os oficiais da "Confraria do Senhor de Fão" para mostrar registadas estas propriedades e todas as mais que tivessem, encarregando-se o Pároco de Fão dessa deligência.

O despacho favorável do Juiz de Resíduos foi publicado a 16-6-1733.

Como as terras se achavam ainda por catombar(3) "o Juiz e mais irmãos da Irmandade do Senhor Bom Jesus requereram fosse passada "carta de comissão" para o Reverendo Pároco onde as ditas terras e propriedades estão sitas meta catombos(3) a tais propriedades para se virem registar e que lhe mande passar ordem para

o Reverendo Pároco não proceda contra eles, suplicantes...".

O Juiz de Resíduos deferiu favoravelmente este requerimento e concedeu quarenta dias de suspensão contra a Irmandade.

Como a primeira carta diz respeito à terras de Fonte-Boa e estamos a referir-nos às da Póvoa de Varzim, vamos passar ao ano de 1735.

A pedido da Irmandade foi passada carta de Comissão ao Pároco da Póvoa de Varzim, pelo Juiz de Resíduos Dr. António Pereyra da Cunha aceitou a comissão e nomeou escrivão da mesma o seu coadjutor, Padre Thomas de Affonsequa, a 20-10-1735.

A Irmandade nomeou como seu procurador, nesta deligência, o Reverendo Joam de Sousa Magalhães, que escolheu para louvado pela Confraria Vicente Manoel da Monta, lavrador, da Póvoa de Varzim.

O reitor Comissário nomeou pela justiça Joam Gomes Touguinhó, da mesma Vila.

A 23-10-1735 o Comissário chamou o caseiro Francisco Sargento, indicado pelo procurador da confraria, para que desse à medição as terras que "pagam pensão à Confraria, que era o Campo chamado da Cachada, sito na Póvoa de Varzim".

Fizeram a medição e confrontação e apuraram(4):

– *Campo da Cacada*, tapado sobre si mesmo, terra de lavradio e mato, que levaria de sementeira no lavradio 8 rasas(5) e se o mato fosse lançado a pão 5 rasas de centeio. Pagaria à Confraria do Bom Jesus de Fão **10 medidas e meia de pão**(6) meado e à Confraria do Rosário da Póvoa de Varzim 10,5 medidas de pão meado e a Domingos Correa de Carvalho 5 medidas de pão meado. Era possuidor Manoel Francisco Sargento. Devia medir cerca 800 m2.

– *Leira na Agra de Penalva*, que levava de sementeira rasa e meia. Pagava **rasa e meia de milho ao Bom Jesus** sem mais foro algum. Teria cerca de 1386m2. Era dízima a Deus. Estava na posse de Manoel Francisco, da Fonte do Rombo.

– *Leira do Cardoso*, na Agra do Cardoso, levaria de sementeira 5/4. Pagava **uma rasa de pão e um frango ao Bom Jesus**. Não tinha mais foro algum. Era caseiro Frutuoso Manoel. Media cerca de 1494 metros quadrados.

Nesta medição aparece menos um frango nestas pensões, o que coincide com a relação do Inventário de 1771.

O Comissário Reitor da Póvoa de Varzim verificou o Livro de Legados do Bom Jesus e certificou que estavam todos cumpridos até 28-10-1735.

Por ordem real estas medidas foram vendidas na gerência de 1771/72 por 70.670 reis.

NOTAS: 1) Gozar a posse de 2) Meçam 3) Tombar, isto é, fazer o inventário autêntico dos bens de raiz com todas as demarcações e confrontações 4) Para não alargar demasiado abstenho-me de indicar as medições em vasas e confrontações 5) A rasa é igual ao alqueire ou 13,8 litros 6) A medida correspondia a uma rasa ou alqueire, neste caso eram treze alqueires de pão meado.

(Continua)

PEDRAS QUE FALAM

Por MARIA SALOMÉ

Amarante, à noite, tem uma paisagem de sonho. Vista da varanda, parece um grande barco iluminado que tivesse atracado num vale, antes de chegar ao seu rio, ao seu Tâmega, que Pascoaes cantou: "Se não fosse esta serra e fundo rio, eu não era o que sou".

O Verão não vai embora e, eu presumo que Fão ainda terá muitos banhistas, apesar da abertura das aulas.

Este ano, por motivos pessoais, não tive férias e estou sem graça nem criatividade – esgotada, somente. O computador empresta-me um certo esquecimento, mesmo com uma aprendizagem lenta e autodidacta.

Cisme que aprenderia e vou vencendo, ou não fosse eu uma Pereira chapada...

Os socalcos, feitos cascata de mil luzinhas, reflectem-se na parede da sala, ou, então, sou eu que penso a paisagem e passo da realidade ao virtual.

Não admira, já que em mim o pensamento e o sonho, de mãos dadas, afogam, muitas vezes, a realidade cinzenta e cruel.

A Clara chegou. O pai abriu um sorriso de festa. Eu considero, no meu canto, e continuo batendo as teclas, fruto dum pensamento que quer arejar e não encontra a solução.

O futebol absorve os rapazes do clã e o chefe conversa com a Clara, em linha sinuosa, levemente sinuosa, numa ternura que tem muito de entendimento genético.

Fenómenos difíceis de entender...

Estas também são pedras que falam, mesmo que em pensamento circular, que é quase sempre o que uso.

Na minha cabeça há Fão, mesmo no Outono dos versos cheirando a mosto e a fruta madura.

Fão de sargaço. Amarante cascata, outono de telas entornadas por algum pintor que se perdeu na estrada dum vida pintada a amarelos, verdes e vermelhos, pincelados a ouro velho.

Pedras que me falam baixinho a mim. E a quem me vai ler?

SORRISO

*Qual flor aberta ao sol da Primavera,
Ou qual romã com dentes de carmim,
É teu sorriso cheio de quimera,
Imagem dessa alma de cetim.*

*O teu sorriso é brando como a brisa,
E meigo como o límpido luar.
É dele que meu coração precisa,
Para viver feliz, poder sonhar!...*

*Se tu soubesses, minha dor infinda,
Se conhecesses todo o meu sofrer...
Nunca fechavas tua boca linda,
Nunca escondias esse rosicler.*

*Sorri, portanto, minha doce amiga,
Enche os meus dias, dum rósea cor.
Ao ver-te assim, escuto uma cantiga,
E minha vida tem outro sabor.*

DESPOR TO

Por JOÃO PEDRAS

CLUB FUTEBOL DE FÃO

Ainda não foi desta vez que esta instituição fangeira se extinguiu. A juntar-se ao pequeno grupo de fangeiros que semana após semana comparecia nas Assembleias Gerais, apareceu um grupo mais numeroso de conterrâneos.

E assim se constituiu uma direcção que, em cima da hora, inscreveu o Clube de Futebol de Fão na Associação de Futebol de Braga, para disputar o Campeonato Regional da 1.ª Divisão. Um caso curioso, nesta "aflicção", é que em todas as assembleias gerais comparecia um cidadão de Barcelos, antigo dirigente do Gil Vicente, radicado em Fão (aceitou o cargo de vice-presidente da nova Direcção), que ficava surpreendido com o pouco interesse dos fangeiros, já que nessas assembleias via apenas meia dúzia de pessoas.

— "Em Fão é assim". — Foi-lhe respondido por alguém — "discutem-se os problemas desta colectividade fora do local próprio".

Um exemplo para concluir este raciocínio, tomou esta direcção a decisão de pôr a concurso público o bar da sede social: algumas propostas apareceram e o contrato foi assinado com o proponente que melhores condições financeiras ofereceu. Entretanto esta direcção tomou outra decisão conjunta que foi a de arranjar outras instalações para o seu trabalho de reuniões e afins. Já há muito boa gente a contestar esta decisão, mas não pensou assim o associado e autarca fangeiro, sr. Norberto Mota que cedeu gratuitamente uma casa sua para os trabalhos da Direcção.

A nova Direcção ficou assim constituída:

Presidente - Paulo Sérgio Reis Pedrosa Campos; Vice-Pres. - Carlos Alberto Perestrelo Carvalho; Secret. Geral - José Luís da Silva Ribeiro; Secret. Adjunto - Manuel da Mota Lopes; Tesoureiro - Ernestino Magalhães; Tes. Adjunto - João José Soares Pedras; Vogais - Eng. Pedro Reis Pedrosa Campos, José Capitão Machado, Eurico Gonçalves, Agostinho dos Santos Araújo, Carlos Graça Barra Reis e José Soares Pedras.

Assembleia Geral - Presidente - Júlio Devesa Sá Pereira; Vice-Pres. - Emílio Pedras da Silva; Secretário - Francisco Capitão.

Conselho Fiscal - Presidente - Gustavo Gomes da Costa; Vice-Pres. - Jerónimo do Monte Alves; Relator - Manuel Gonçalves Ferreira.

CAMPEONATO REGIONAL DA 1.ª DIVISÃO DA A. F. BRAGA

Na primeira jornada, o Fão recebeu, no campo Artur Sobral, os Ceramistas e perdeu por 2-0. Dadas as dificuldades do início de época, o que infelizmente tem acontecido nos últimos anos, o Clube Futebol de Fão, vê-se privado aos poucos de jogadores que são assediados por outros clubes do concelho e assim, a nova direcção teve que recorrer aos serviços de um treinador da Póvoa de Varzim (que já militou no futebol fangeiro há anos atrás) com o intuito de adquirir alguns jovens da Póvoa através do mesmo técnico, para reforçar a equipa.

Mas devido ao pouco tempo de trabalho, o conjunto fangeiro foi presa fácil para o primeiro adversário, principalmente na 1.ª metade da partida.

No segundo tempo, já com o resultado

desfavorável em 2-0 — os visitantes tinham marcado o 1.º golo no início do jogo —, o Fão ainda ripostou, mais com o coração de que com a cabeça. Mas, os espectadores fangeiros, que acorreram em bom número ao campo Artur Sobral (que apresentava um aspecto bonito devido à obras de beneficiação custeadas pela Câmara Municipal de Esposende), começavam a aceitar a ideia de que a reviravolta seria difícil, dadas as circunstâncias acima referidas.

Até os jovens que a época passada foram surpresas agradáveis, e que devido a lesões graves no final da mesma, casos de Marco Pedras com fractura de uma perna, de Filipe com problemas numa coxa, não puderam dar o contributo à equipa. Pedro Simões que também na época passada fracturou uma perna, já pôde jogar mas não nas melhores condições físicas, e, na nossa opinião Pedro Simões é ponta de lança e não jogador de meio campo.

Também Carlos Ribeiro, outro jovem surpresa do ano transacto, não pôde alinhar devido a castigo federativo.

O Fão alinou com: Aires (Barcelos); Sérgio (Póvoa), João Barcelista, André (Esposende), Victor (Terras de Bouro) e Rogério; Capitão, Pedro Simões e Tiago Cubelo; Mikai (africano) e Manuel Ribeiro.

Capitão de equipa: João Barcelis. Suplentes utilizados: Sérgio Barra Reis, Pedro (Póvoa) e Hugo (Forjães).

Não utilizados: Miguel Pedras (guarda-redes) e Rui Barra Reis

A EQUIPA DE "O NOVO FANGUEIRO" EM CONFRATERNIZAÇÃO

Foi no dia 16 de Agosto, na acolhedora e confortável residência da colaboradora deste jornal Senhora Dona Cecília de Amorim.

Já em Maio esta Senhora tinha disponibilizado a sua casa para um encontro de todos os que intervêm na feitura de "O NOVO FANGUEIRO". Agora, foi o marcar da data, o passar a palavra, e, no dia e hora marcados, lá estava toda a gente, na alegria do reencontro.

A anfitriã é uma Senhora, na mais elevada acepção da palavra. E como tal nos recebeu, na delicadeza do trato, na franqueza e disponibilidade que patenteou, na inalterável simpatia do sorriso aberto e do olhar amigo que a todos envolveu.

Sozinha, limpou e arrumou a casa (que tinha acabado de estar em obras no interior) e ainda confeccionou um delicioso jantar para quase trinta pessoas! E ainda nos acolheu a todos com um aspecto fresco e descontraído que faria inveja a muitos dos mais novos...

A respeito de idades, a Senhora Dona Cecília fez uma "batota": inverteu os algarismos dos seus lindos 81 anos, que se comportaram como uns 18 anos, igualmente lindos.

Em nome de todos os que integram "O NOVO FANGUEIRO", aqui fica este singelo preito de gratidão, com um voto muito sincero e muito amigo:

Que um dia possa completar 19 anos, com a mesma saúde, a mesma serena alegria, e com esse dom de disponibilidade e Amizade, que nos leva a todos a dizer-lhe, agradecidamente:

Bem haja, Senhora Dona Cecília!

MARIA EMÍLIA CORTE REAL

N.R. — Este texto destinava-se ao número anterior e só não saiu por falta de espaço.

"Respostas"

A resposta ao artigo de opinião, expressa no "Novo Fangeiro" de 10 de Setembro, foi dada por um fangeiro cujo nome apareceu na citada crónica. Foi uma resposta democrática, coerente, civilizada.

Com estas formas de se exprimir opiniões e convicções, quem lucra é Fão, e por inerência, todos nós. O debate democrático tem de evoluir para estes patamares, e mesmo sendo escrita no "Jornal de Esposende", é mais uma achega para a valorização de como pensam, debatem e agem os fangeiros.

Contudo é uma resposta completamente desprovida de conteúdo. A interpretação do artigo sobre o C. F. Fão foi desviada para caminhos errados, desvirtuada da sua essência, peca por falta de argumentos; é a velha história de que "quem não tem cão caça com gato".

É óbvio, que ninguém com um mínimo de bom senso ousa fazer comparações de importância entre o C. F. Fão e o Hospital, entre o Clube Náutico e os Bombeiros. É absurdo divagar e escrever sobre este tema. Não fica bem escrever-se sobre o que não se escreveu, não é de bom tom fazer juízos sobre quem os não fez. A obra feita na Misericórdia e nos Bombeiros, fala por quem a dirige, não precisa de defensores.

O que pensei, e penso, é que perante a grandeza que estas instituições atingiram, não faltariam "profetas" para ocuparem eventuais vagar.

O voluntarismo, a dedicação, o amor ao próximo, a capacidade, dos seus dirigentes e colaboradores é nobre, altruísta, digna dos maiores encómios. Parece-me, é que mais uma vez se confunde tudo.

De notáveis temos todos um pouco. É megalomania pensarmos que somos só nós, e pior ainda, quando se julga que é.

Notáveis são os dirigentes do Hospital e dos Bombeiros, mas também o são, os dirigentes do A.S.P., do C.F. Fão, do Clube Náutico, da Columbofilia, da Cooperativa Cultural, do "Novo Fangeiro" do Clube Fãozense, das Comissões de Festas, do M.P.C.C., do G. D. Bairro e são igualmente notáveis, porque todos deram ou dão o seu contributo para o bem estar comum.

Não houve qualquer referência sobre, por exemplo, o estado da Av. da Praia há já 3 anos, sobre as casas das dunas, sobre o futuro dos paredões seculares do Cortinhal, etc., etc. Trocou-se o essencial pelo supérfluo, confundiu-se a nuvem com Juno.

Amigos são os que alertam para o que está mal, os que criticam quando têm de criticar, os que apoiam quando têm que apoiar. Cada um de nós que leia as crónicas no "Jornal de Esposende" e no "Farol de Esposende", e medite um pouco, na pobreza de argumentos e escritos lá expressos sobre Fão.

Realmente há formas diferentes de encarar a vida, e felizmente que as há. Eu por mim falo: não sou militante de nenhum partido político, não pertencço a nenhuma Comissão Política Concelhia. Sou um fangeiro sem lobbies, coopero quando sou solicitado, a minha única paixão pública é gostar em demasia de Fão.

JOSÉ LUÍS RIBEIRO

O cano da Fábrica do Albino

Ex.mo Sr. Director do Jornal "O Novo Fangeiro".

Depois de algumas vezes, o vosso jornal ter escrito artigos sobre casos relacionados comigo, sinto que pela primeira vez, tenho que ser eu a pedir a Vossa Ex.cia para que ponha este flagrante, no jornal e num espaço que fique bem realçado, em homenagem a todos os fangeiros espalhados pelo mundo. Como a matéria resiste ao tempo, e as pessoas ficam insensíveis, esforcem-se por pensar. Porque só conhece Fão quem há muito está fora dele, enquanto recorda a velha imagem.

O cano da fábrica do Albino.

Este símbolo, com uma imponência neutralizada por falta de actividade, que marcas profundas originou no tempo, desde a grande família que é a de Albino Torres, no mais variado e amplo grau sociável, e em todos os quadrantes positivos, exigíveis pela sociedade no quotidiano. Quanta cultura, desenvolvimento, trabalho e pão, engloba e simboliza o cano da fábrica do Albino. Este sobrevivente representa significativamente, a evolução de Fão, numa era de progresso, desde po apito prolongado das sete e meia, às cinco da tarde, o Big-Ben de Fão. Com o seu grito rouco, e prolongado, ouvia-se no conelho, para pegar ou largar, do trabalho. Extensivo, a todos e à mais variadas profissões, sucessivamente pescadores, agricultores, etc., etc. O limador, com o seu barulho característico do esmeril, as máquinas em sincrónico movimento, as serras de fita, a plainadeira, o chárrió, a gurlopa, a velha máquina a vapor, e a caldeira atacada de serrim, lenha e casca a arder.

O cano da fábrica do Albino representa e significa os carpinteiros que por ali passaram, Scupita, Riga, Freixo, Carvalho, Mogno, Tola, Castanho, Mossivi, etc., etc. portas e janelas, móveis vários e formas inventadas. Que punhado de artistas o tempo vai apagando, e que eram a chave da aparência, das portas e janelas das casas de Fão.

O cano da Fábrica do Albino significa os carros de bois carregados de pinheiros, com o gado escumado, suado pelo esforço da viagem, desde as louças através de locais pantanosos e irregulares. Que movimento! As ruas com resíduos de casca, e as rumas de pinheiros, os castelos de madeira dispostos em linha, ou semi desfeitos pelo vento, o moleiro, a farinha, o milho, o centeio, e o farelo, os sacos, e as sacas, num vai vem, vendidos os trocados, Que globalidade abrangia este sector, os lavradores, as famílias mais abastadas, e as mais pobres, se definiam, as tulhas, e os fornos, o pão de casa, quando e quem cozia.

Que importante e movimentado era Fão nesta área!... As burrinhas das moleiras derreadas ora chegavam, ora partiam, p'rás aldeias carregadas de milho, farinha ou farelo. *O cano da fábrica do Albino* significa a resina, o sangue dos pinheiros, com um cheiro característico e familiar, pegajoso, e que estragava a roupa e sujava as mãos dos trepadores dos pinheiros, que iam às pinhas no inverno. O forro, as vigas de eucalipto, o soalho, o estuque, a tabuinha, a competição com a fábrica do Felgueiras, um desafio de concorrência saudável, ao velho cano das Serrações Reunidas.

O cano da fábrica do Albino representa o pequeno escritório decorado com um quadro de S. José, e um calendário: ali se recebia o ordenado semanal, para pagar a mercearia a rol, ou as merendas diárias nas tascas depois do trabalho; eram os funcionários mais estabilizados, independentemente do valor do ordenado que ganhavam, porque eram pagos todos os sábados, e sem falhar.

O cano da fábrica do Albino, mantém no ar a imponência desafiante, proporcionada à época, significando a evolução para que Fão na era estava direccionado, e pela razão que ele foi construído. Nesta terra hospitaleira onde todos tinham lugar e eram aceites, integrados, respeitados, e até adorados, hoje sentimos o impacto desta influência, e o preço da nossa humildade, territorial e socialmente, a perda das nossas raízes.

O cano da fábrica do Albino significa, como as pirâmides do Egipto, um sinal de afirmação, independentemente dos valores de cada um, uma afirmação histórica, um alerta às consciências de quem amou e ama, de quem viveu e vive, extensivamente a todos os fangeiros espalhados pelo mundo. Que *o cano da fábrica do Albino* seja um motivo para reflectir e que se analise os desequilíbrios evolutivos de Fão, comparativamente à época e que o fumo negro do serrim verde, ou humedecido que dele saiu, saía branco.

Que *o cano da fábrica do Albino* se mantenha como um brasão para honrar a majestosa família Albino Torres, benfeitora de todas as instituições fangeiras, paralelamente coração e portas abertas para os pobres que pediam pão e ajuda.

Que se mantenha *o cano da fábrica do Albino* para perpetuar as gerações de trabalhadores que na fábrica trabalharam e a todos quantos dela dependeram.

Que se mantenha *o cano da fábrica do Albino*, como símbolo de união de todos os fangeiros.

Viva Fão.

SÉRGIO DO FOJO (28/8/97)

Dia do Idoso comemorado no Lar do Hospital de Fão

(Continuado da pág. 1)

a presença dos mesários da Santa Casa e a colaboração dedicada dos funcionários, orientados pelas assessoras Ana Maria Ferreira e a sempre disponível e indispensável directora do Lar, Dona Arminda.

No final do repasto era visível a satisfação dos idosos e de todos os presentes. Sentia-se no rosto de muitos a vontade de dar ao pé, o que veio a acontecer com a actuação do Rancho Folclórico de Apúlia.

No momento próprio foi colocada por idoso uma fita alusiva ao dia, no estandarte do grupo; do mesmo modo foram oferecidos aos idosos de Apúlia um coração decorativo e um ramo de flores. A festa continuou agora com a ajuda da guitarra do fangeiro João Faria e os cantares de todos os idosos, alguns dos quais vestidos de blusa branca e lenço verde. A sala estava lindamente decorada com dísticos alusivos ao dia que se comemorava:

– Filhos não abandoneis os vossos pais. –
Sou velhinho e doente, preciso da tua visita.

– Lágrimas pela vossa ausência, meus filhos.

Foi uma festa linda e enternecedora. Esperemos que este exemplo do Lar de Fão seja seguido por todos os Lares de Portugal.

A.V.

COOPERATIVA CULTURAL DE FÃO CONVOCATÓRIA

Convoco os associados da Cooperativa Cultural de Fão a reunirem em Assembleia Geral Ordinária, no dia 25 de Outubro, pelas 21 horas, na sede do Clube, à Rua Professor Pio Rodrigues, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 – Eleição de novos Corpos Gerentes;
- 2 – Tratar quaisquer assuntos relacionados com a Cooperativa.

Se à hora marcada não comparecer número legal de sócios, a Assembleia funcionará uma hora mais tarde com qualquer número de associados.


Fão 10 de Outubro de 1997

O Presidente da Assembleia Geral
Armindo Saraiva

POLÍTICA LOCAL

O cabeça de lista do PS em Fão é a Prof.ª Maria Augusta Teixeira Costa.


Pelo CDS-Partido Popular concorre Luís Viana.



É TEMPO DE ESPOSENDE!

**FRANKLIN
TORRES**

PRESIDENTE



PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA HIDROPÓNICA CULTURAS SEM SOLO

(CONTINUADO DO NÚMERO ANTERIOR)

Foram assim postos à prova uma multiplicidade de materiais: areias diversas, cascalho, restos de tijolos ou de telhas, desperdícios de vidro ou de plástico, escória, cinzas, resíduos de cascas, escórias vulcânicas e até matérias orgânicas como a palha e aparas de madeira.

Mas a descoberta das matérias expandidas iria revolucionar a técnica das culturas sem solo: simultaneamente leves e porosas para deixarem passar o ar, estéreis e quimicamente naturais, essas matérias apresentam além disso granulações diversas que permitem efectuar tanto reproduções por estaca e por sementes como a cultura de plantas adultas.

A *argila expandida*. Desde que foi experimentada, há mais de vinte anos, a argila expandida continua a ser o melhor substrato de cultura hidropónica. Este curioso material é vendido sob a forma de bolas arredondadas, de maior ou menor diâmetro (há-as de diferentes calibres), que conservam a bela cor natural de argila. Para chegarem àquilo que são, as esferas de argila têm que passar por um forno aquecido a 1100°. Pense nos grãos de milho aquecidos numa frigideira e que rebentam

transformando-se em pipocas leves e inchadas, e fará assim uma ideia do que acontece às bolas de argila. Sob o efeito do calor, a argila expande-se formando-se minúsculas cavidades no interior das esferas e obtendo-se assim um produto muito poroso e extremamente leve.

Outra vantagem que nada tem a ver com aspectos técnicos, mas que também tem a sua importância, é o facto de a argila expandida ser bastante decorativa, permitindo uma multiplicidade de utilizações sem haver necessidade de a esconder, como acontece com outros materiais. Aliás, ela é utilizada por certos floristas para dissimular a terra das floreiras e para reter a humidade.

A capacidade de retenção da água por parte da argila expandida é perfeita; não há riscos de saturação, como acontece com a vermiculite ou a perlite, por exemplo: Se não ultrapassar o nível de água estipulado, terá oportunidade de constatar que as bolas do fundo do vaso se encontram molhadas (húmidas no meio e praticamente secas à superfície), o que recria as condições naturais de vida na terra, com os seus diferentes graus de humidade, assegurando simultaneamente um perfeito arejamento das raízes e a sua oxigenação.

A *vermiculite*. Este material é formado por partículas de mica que foram submetidas ao mesmo tratamento que as bolas de argila. O único inconveniente deste substrato é o seu muito elevado poder, de retenção da água. Para as sementeiras e a reprodução por estacas é uma vantagem, pois o substrato conserva a humidade durante muito tempo. Mas para a cultura hidropónica requer uma vigilância que suprime uma das vantagens deste tipo de cultura.

A *perlite*. Consiste em escórias vulcânicas expandidas e é vendida sob a forma de pequenos grândulos brancos bastante finos e estreitos. Tem os mesmos defeitos da vermiculite e, tal como ela, pode utilizar-se para sementeiras e enraizamento de estacas.

A solução nutritiva

Esta solução desempenha um papel essencial: é ela que fornece às plantas todos os elementos que encontrariam na terra, caso aí tivessem sido cultivadas.

Contém, portanto, os sais minerais e os oligoelementos necessários a um bom crescimento.

O azoto. Antigamente era conhecido pelo nome de "nitrogénio", e conservou o respectivo símbolo químico: N. É essencial ao crescimento e ao desenvolvimento dos vegetais. A sua acção é benéfica sobretudo para as folhas e a sua carência provoca amarelecimento.

O potássio. O seu nome deriva do inglês "por ash", que significa "cinza do pote", pois este elemento encontra-se na cinza no estado natural. É simbolizado pela letra K. É indispensável para assimilar e transformar o anidrido carbónico. Favorece a floração e a produção de frutos.

O fósforo. É simbolizado pela letra P. Serve para as plantas fabricarem o seu tecido vegetal e desempenha um papel muito importante na formação das sementes.

Para além destes três elementos principais, há outros sais minerais que não podem ficar esquecidos.

O cálcio. É simbolizado pelas letras Ca. Pode ser benéfico, pois falta às raízes, mas temível quando se encontra em concentração excessiva. Contribui igualmente para o equilíbrio do solo. Certas plantas não o toleram em grande quantidade: designam-se por calcífugas; outras, pelo contrário, toleram-no bem, e recebem o nome de calcícolas.

O magnésio. É simbolizado pelas letras Mg. Entra na constituição da clorofila.

O enxofre. É simbolizado pela letra S. As plantas encontram-no em fraca quantidade mas não o armazenam, como acontece com outros elementos.

O ferro. É simbolizado pelas letras Fe. É indispensável às plantas para efectuarem a síntese da clorofila. A sua carência manifesta-se de forma evidente por um amarelecimento das folhas. Se o meio em que a planta vive for demasiado alcalino, o ferro deixa de ser assimilado.

Os oligoelementos. Aos sais minerais, é preciso acrescentar os oligoelementos, contido em quantidades infinitesimais, mas que também são indispensáveis: manganês, cobre, zinco, boro, flúor, bromo e inclusive arsénio.

Para obter uma solução nutritiva equilibrada, torna-se portanto necessário misturar todos estes elementos, tendo em conta a sua acção específica, de forma a que não entrem na sua composição em quantidade insuficiente nem excessiva.

(CONTINUA)

BOM DIA

Quando te levantaste, pela manhã, eu já tinha preparado o Sol, para aquecer o teu dia, o alimento para a tua nutrição. Sim, eu preparei tudo isso enquanto vigiava o teu sono, a tua família, a tua casa. Esperei pelo teu "bom dia!" mas esqueceste-te...

Bem... parecia teres tanta pressa!... Eu perdoei...

O sol apareceu, as flores deram o seu perfume, a brisa da manhã acompanhou-te e tu nem pensaste que fui eu que preparei tudo para ti. Os teus familiares sorriam, os teus colegas cumprimentaram-te, trabalhaste, estudaste, viajaste, realizaste negócios, alcançaste vitórias, mas não percebeste que Eu estava cooperando contigo e mais teria feito se me tivesses pedido. Eu sei, corres tanto... Eu perdoei.

Leste bastante, ouviste e viste muita coisa, mas não tiveste tempo de ler e ouvir a Minha palavra. Quis falar contigo, mas não paraste para ouvir. Quis aconselhar-te, mas nem pensaste nessa possibilidade... Se me ouvisses, tudo seria muito melhor na tua vida. Mais uma vez te esqueceste de Mim!...

Esqueceste-te que Eu desejo a tua participação no Meu Reino, com a tua vida, o teu tempo, os teus talentos.

Findou o teu dia.

Voltaste a casa.

Mandei à Lua e às estrelas tornarem a noite mais bonita, para te lembrar o amor que tenho por ti!

Certamente, agora, vais-me dizer "obrigado" e "boa noite"!

Psiu... estás a ouvir? Que pena... já adormeceste! Boa-noite! Dorme bem! Eu fico a velar por ti!

E quando, enfim, quiseses saber quem sou, pergunta ao riacho que murmura e ao pássaro que canta, à flor que desabrocha e à estrela que cintila, ao mōço que espera e ao velho que recorda... Chamo-me, amor, o remédio para todos para todos os males que te atormentam o espírito: Eu sou Jesus!

Transcrito por MARIA ROSÁLIA

PÃO E PAZ

*Como o vento que corre pelo espaço,
Devia assim fazer o pensamento,
Levando a toda a gente o nosso abraço, De minuto a minuto e num momento!*

*No vaivém das ideias, passo a passo,
Nas aspirações lá está o invento!...
E o Homem, com firmeza e o cansaço,
Trabalha sempre nele e sempre atento.*

*E há de tudo na feira deste mundo,
De muitas invenções ele está cheio...
Para fazer a Paz? Lá não estão!...*

*E o problema do Homem é de fundo:
Pois a Paz não será um devaneio
Se toda a Humanidade tiver Pão!*

FLORINDA ALMEIDA

RETALHOS DE POESIA

A minha voz tem silêncios...
Os meus olhos ficam cegos
E os pés pregados na terra...
Porque não vejo razão
Para entrar no turbilhão
Deste mundo todo em guerra.

Eu só daria o meu sangue,
Estenderia os meus braços
E repartia o meu calor...
Se os homens todos se unissem,
Sob a bandeira da paz
Numa batalha de amor!...

As campas não se abririam
Os olhos não chorariam
de dor, aos pés duma cruz,
Os campos só tinham rosas
E as roupas eram vistosas
Tudo banhado de Luz...

CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

CASAMENTO

No dia 4 de Outubro, pelas 12 horas, no Mosteiro de Bom Jesus, uniram-se pelos laços do matrimónio Ana Maria Faria Pinto e Silva, natural de Fão, com João Luís Rios, natural de Terras de Bouro.

A cerimónia esteve a cargo do Rev. Arcipreste e Prior de Fão; os cânticos foram entoados pelo Grupo Coral da Matriz. A noiva foi conduzida ao altar por seu pai, o nosso amigo Virgílio de Jesus Pinto e Silva.

Muita saúde e felicidades são os nossos votos.

A.V.

ASSALTO

Na madrugada de 5 para 6 de Outubro foi assaltada a boutique situada no n.º 9 da Av. Dr. Henrique Barros Lima. Os assaltantes "limparam" a loja que estava protegida por uma grade de ferro.

A proprietária, Rosa Ferreira da Silva sente-se desanimada e frustrada, pois já não é o primeiro roubo. Mais uma vez se lamenta a falta da GNR em Fão.

DAR SANGUE É DAR VIDA



**SANGUE: dar hoje, para ter amanhã
SANGUE: o dever de dar,
antes do direito de o receber**

**NOVO TALHO
JACINTO**

**Carnes de Qualidade
"APÚLIA"**

Talho 1 - ☎ (053) 981920

Talho 2 - ☎ (053) 981946

FAX (053) 981920

Bombeiros: adaptação aos tempos modernos

Nós hoje queremos falar dos Bombeiros. Antes de mais somos forçados a dizer que se trata de uma instituição fangueira de que todos os habitantes locais se orgulham; essa admiração ou vaidade (o que quiserem chamar-lhe) radica substancialmente no comportamento do corpo dos bombeiros que ao longo dos anos se tem manifestado como um agrupamento disciplinado e dedicado, e ainda no trabalho dos seus directores que a tem servido exemplarmente, isto é, com bom senso, com empenhamento e até com algum sacrifício.

Não restam dúvidas que o amor do jornal à terra onde nasceu não é menor que o sentimento que os dirigentes do voluntariado sentem por esta vila marítima. Nós escrevemos para bem de Fão. Lembramos a propósito as palavras que a ex-Presidente Tininha Torres um dia pronunciou sobre a utilidade dos jornais ditos das regiões: "Eu aproveito muitas vezes as sugestões que os órgãos regionais apresentam pois nem tudo podemos ver". (Citação de cor).

De facto é muito possível que por uma questão ou por efeito de uma inércia social, os responsáveis da autarquia ou de uma qualquer associação local não se dêem conta dos desvios ou da impropriedade inerentes ou consequentes de uma determinada medida que se teria tomado ou que não se tomou. É nessas circunstâncias que um jornal local deve actuar, partindo-se sempre do princípio que não está a agir por má fé.

Vamos então aos factos ou às sugestões sobre os bombeiros. Temos o caso da sirene:

a sirene dos bombeiros de Fão toca por tudo e por nada: chama os bombeiros para um caso de desastre, para um incêndio ou para conduzir uma ambulância. Como se sabe, o som angustiante da sirene reboia pela freguesia inteira, pregando muitas vezes sustos ou grandes sustos às pessoas que não "contavam com aquilo" e incomodando ou criando preocupações noutras que ficam a pensar se aquele toque não está ligado a um acidente com qualquer pessoa de família.

Estamos na viragem do século XX. O chamamento dos bombeiros já não pode funcionar assim. Para substituir as sirenes existem outros meios de contacto. Referimo-nos aos telemóveis e aos bips. Os primeiros são dispendiosos e permitem abusos. Os últimos, como só recebem chamadas, prefiguram-se-nos como os chamadores ideais. O disar um único número permite o chamamento de um universo de voluntários.

Já sabemos que nos colocam de imediato uma pergunta incómoda: onde vamos nós arranjar o dinheiro para a compra de 80 bips? Têm que sensibilizar o Governo para esta situação. Além do Governo, temos ainda a Câmara e a Rua (peditório nas ruas). O povo de Fão para estas coisas ainda é o que era. Não há então como tentar.

PIZZERIA - CREPERIA - GELATARIA

One Way

TAKE AWAY - ENTREGA GRATUITA AO DOMICÍLIO - ENTREGA EM 30 MINUTOS

Rua Vasco da Gama, Loja 11 R/C Esq. Trás
4740 ESPOSENDE - TELEF. (053) 961566

Optica

Oliveira

Aleixo Ferreira, L.^{da}

**Gabinete
de Optometria
e Contactologia**

Rua da Misericórdia, 2-4

Tel/Fax: (053) 71161 - 4700 BRAGA

Falecimento

Em finais de Setembro faleceu em Fão, Rua Serpa Pinto, a conterrânea Emília Ramos de Sousa (Emília Pira).

A Emília, no seu tempo de jovem, pertenceu aos quadros da JOC fundada em Fão pelo saudoso prior Nogueira. Era na verdade uma grande entusiasta desse movimento.

Que descanse em paz.

PREDIFÃO

**Compra e Venda
de Propriedades**

Av. Dr. Manoel Paes, 2
Telef./Fax (053) 982730 • 4740 FÃO

O NOVO FANGUEIRO

Mensário Regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Rosália Oliveira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
José Maria Machado do Vale
Florinda de Almeida

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:

Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua de Cima, n.º 5 - 4740 FÃO
0931.451867 / Telfs. 02-6000295 / 053-981475

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Praça João XXIII - Telef. 684318
PÓVOA DE VARZIM

Assinaturas de "O NOVO FANGUEIRO"

Atual..... 1000\$00

A cobrança de "O Novo Fanguero" através dos Correios será por conta do assinante.

O que os jornais dizem de nós

Conta-se que o nome de Cavalos-de-Fão foi dado em memória do naufrágio de uma embarcação carregada com um presente de cavalos que ali morreram, mandado pelo rei Ofir, quarto neto de Noé, aos seu compadre Fão. Lenda ou realidade?...

OFIR

OS CAVALOS TAMBÉM SE ABATEM

Pertenço mais às dunas de Fão que às suas casas e às suas ruas
Eugénio Andrade

Manuel Neto

Ao contrário do que sucedeu em Esposende, na margem direita do Cávado, a zona de Ofir, situada na margem oposta, só conheceu a imagem de destino turístico a partir dos anos 40, quando ali se iniciou a construção da estalagem que, duas décadas mais tarde haveria de dar lugar a um famoso hotel, então escolhido pelas elites nortenhas como local de visita obrigatória, em especial aos fins de semana.

Esposende, que entrou neste século como um paupérrimo povoado de pescadores e lavadeiras – soberbamente pintadas por Medina –, conheceu os primeiros *chalets* de veraneantes no final do século passado, atraídos pela beleza da região que alguns esposendenses mais ferrenhos fazem questão de comparar a Veneza. Será exagero, mas a região é, de facto, lindíssima. Ofir só se tornou estância de veraneio a meio deste século, num projecto concebido em gabinetes de arquitectura e abraçado por algumas famílias de posses, oriundas do Porto e de outras cidades das redondezas, como Santo Tirso, Braga e Famalicão. Poder-se-á dizer: que o caminho percorrido, desde então, pela região é paralelo aos ventos e marés que têm caracterizado a existência do Hotel Ofir; da timidez da estalagem inicial passou a elegante complexo, destino de moda (para o que muito contribuiu o *bowling*), zona de engate de turistas estrangeiras (pois, então!... as coquetes portuguesas não andavam nem desandavam), até que caiu em desuso, num certo abandono, disfarçado por excursões de terceira idade e estágios de jogadores de futebol, aos quais se juntam turistas estrangeiros de duvidosa qualidade e esses eternos domingueiros. Uma dor de alma para quem o viu e quem o vê. Afinal, bem podia ser um paraíso... pese, embora, as indigestas notadas que ali se fazem sentir com regularidade. E o futuro continua incerto, como parecem assegurar algumas moradias – desenhadas por famosos arquitectos, como Siza Vieira – que se mantêm fechadas, assim como o Hotel do Pinhal, encerrado há mais de um ano, o qual acolheu, em décadas passadas, conhecidas figuras do *jet set* nacional, tendo a sua *reservada* discoteca servido de palco a memoráveis e secretas seduções.

Vale a pena recuar até 24 de Novembro de 1945 e recordar a edição do *Século Ilustrado* onde Ofir é tema principal.

“Para que nada fata à opulência paisagística do local – cortinas de pinheiros, ondas oceânicas, fira prateada e sinuosa do Cávado – até o sortilégio de uma lenda vem aumentar o encanto daquele encontro de duas praias – a fluvial e a marítima – na orla das matas de Fão. (...) dali, do “eldorado

de Ofir”, é que partiam, “carregadas de ouro puríssimo”, as naves de Salomão e que do seu templo sumptuoso, do “seu divino *fanum*” é que o actual *paraíso* minhoto da costa portuguesa herdou o nome”.

“Mas não é propriamente de Salomão que se trata agora nem dos famosos “Cavalos de Fão”, petrificados há séculos frente à praia, na missão piedosíssima de tornarem brando o mar, – para os pescadores que vêm de longe... e para as crianças que brincam perto. Trata-se de outra maravilha maior, porque, sendo também sonho, não se afasta dos domínios da realidade. Maravilha não basta: – Milagre! Autêntico milagre de construção. Graças aos srs. Sousa Martins e arquitecto Alfredo Ângelo de Magalhães – e, ainda, ao grupo de operários mais esforçados e mais rápidos do mundo – foi possível planejar, construir, decorar, inaugurar, enfim, o amorável Ofir... no inconcebível espaço de dois meses”. De facto, um exemplo de iniciativa.

“Salomão ter-lhe-ia dado, talvez, mais opulência. Mas nem tão bom-gosto nem tanta comodidade. Não há o menor exagero publicitário no entusiasmo destas afirmações. Apenas a justiça de um preito em que saberão comungar – temos a certeza disso – todos os que fruirem, como nós, um dia excepcionalmente bem vivido no salão ou no terraço do Ofir, olhando – como o gageiro da “Nau Catarineta”... *Terras de Espanha e areias de Portugal...*”. Enfim, sucesso à vista.

Na mesma edição, o *Século Ilustrado* dava conta de “um acontecimento mundano”, a passagem de modelos dos Grandes Armazéns do Chiado. “Perante elegante assistência, onde se viam muitas senhoras da nossa primeira sociedade, entre as quais a senhora de Fragoço Carmona, esposa do sr. Presidente da República, desfilaram vivos e graciosos manequins que exibiram mais de quarenta criações: vestidos e casacos, de género alfaiate e da mais bela fantasia, coroados por chapéus do mais requintado gosto e curiosos estilos. Todos os modelos foram executados sobre desenhos e orientação de Agostinho Borges por M.me Dolores Pedroso (première). Moreira (Alfaiate) e Aurora Campos (Chapéus)”. Eram as modas de então. Chiquérrimas! A exemplo do ambiente então vivido em Ofir.

A 17 de Junho de 1966 – 21 anos mais tarde, portanto –, o *Diário de Notícias* chamava para título “Em Ofir foi inaugurado um conjunto hoteleiro com a presença de entidades oficiais”. E noticiava: “Com a presença do comissário nacional do Turismo, sr. eng. Álvaro Roquete, e dos srs. dr.

Sollari Allegro, director da Emissora Nacional, e de autoridades militares e civis, foi (ontem) inaugurado o belo conjunto de Ofir, composto por uma nova ala com cerca de sessenta quartos e um novo restaurante com “snack-bar” e dezoito quartos sobre as dunas, fronteiro ao mar”.

“Após a inauguração e visita às excelentes instalações, que orçaram em cerca de vinte e cinco mil contos, foi servido um almoço, durante o qual o presidente da Câmara Municipal de Esposende, sr. António José da Costa Leme, exaltou a iniciativa do sr. Artur Ares, radicado há muito tempo neste concelho, e único proprietário e financiador da importante iniciativa”.

“O comissário nacional saudou o sr. Artur Aires pelo seu empreendimento e informou-o de que a Câmara Municipal de Esposende deliberou considerá-lo cidadão honorário, atendendo ao valor do seu investimento naquela zona e que beneficia não só a região, mas também o turismo nacional”. Abençoado.

De facto, foi aquele tal senhor Aires, baixo, gordo, de charuto, o responsável pelo pontapé de saída de Ofir para a fama internacional. Verdadeiro carola do Minho, já havia desenvolvido a Póvoa de Varzim, após o que se virou para o *eldorado* Ofir, da mesma forma que o comendador Santos da Cunha, então governador civil de Braga, se ocupou de Esposende. Mas enquanto esta cidade soube acompanhar os desígnios do progresso, Ofir parou no tempo. Petrificou-se. Como os cavalos de Fão.

SINAIS

Situada junto à foz do Cávado, ao longo da margem esquerda, a zona de Ofir estende-se por uma extensa faixa de pinheiros, onde o rio e o mar proporcionaram paisagens alternativas: mais agitada junto ao Atlântico, mais tranquila junto ao Cávado. Mas, em qualquer dos casos, a descontração é uma constante.

Segurança: embora a praia seja vigiada por nadadores-salvadores, todo o cuidado é pouco, especialmente para quem não domina os caprichos das ondas. Já junto ao rio a segurança é bem maior.

Estruturas: zona concessionada, onde é possível alugar barracas de praia.

Acomodações: Hotel Sopete Ofir, Estalagem Parque do Rio e Pousada da Juventud (em Fão). O então famoso Hotel do Pinhal encontra-se encerrado há mais de um ano. Há ainda a possibilidade do parque de campismo e de alguns quartos e casas para alugar à época.

Gastronomia: o nosso maior destaque vai, sem dúvida, para o restaurante A Lareira, em Fão, onde as costelinhas são uma especialidade de comer e chorar por mais. Outras opções: Cantinho do Lfrio, Conchinha, Rita Fangureira, Tio Pepe, Martins dos Frangos, Bar dos Ingleses, Hotel Sopete Ofir, Taberna do Criado e o Restaurante do Pachá.

Bares: Clube Náutico, Biscoitos, Padaria Bar, Modéstia à Parte. O Fojo e O Country.

Desportos: canoagem, windsurf, circuitos hípicas, pesca e caça.

Animação: Pachá é a palavra de ordem. Famosa discoteca, servida por bares, restaurantes e pistas de dança, pode considerar-se bem o coração que dá vida à zona, sendo frequentes as suas festas temáticas, como as “Feiras Hippies”.